

De igreja a patrimônio: a basílica Nossa Senhora das Dores na memória de Porto Alegre

From church to heritage: the Basilica Nossa Senhora das Dores in the memory of Porto Alegre

Carla Borges Mussoline

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS, Brasil

carlamussoline@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4442-9165>

Marlise M. Giovanaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS, Brasil

mgiovanaz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8597-4100>

Recebido em: 30 de junho de 2023

Aceito em: 15 de agosto de 2023

Resumo

O presente artigo se propôs a identificar como a basílica é relevante na manutenção da memória da capital, analisando o papel social e histórico deste lugar no imaginário da cidade e apresentando a basílica como patrimônio cultural. A pesquisa utilizou de conceitos relacionados a patrimonialização, religiosidade, sociabilidade e memória social para responder a seguinte questão norteadora: De que forma se deu a consolidação da Basílica Nossa Senhora das Dores como um espaço de memória da capital? A metodologia recorreu a 3 fontes de pesquisa, explorando os dados obtidos por uma entrevista com a museóloga atuante na basílica, além de uma análise em sites de turismo e fotografias históricas do acervo do Museu de Porto Alegre. Assim, concluiu-se que, o espaço é relevante para a memória por suas características arquitetônicas, artísticas, mas principalmente históricas, que além de oferecer ao povo um espaço religioso, presenteia a cidade com sua monumentalidade.

Palavras-chave: Patrimônio; Memória; Museologia; Basílica Nossa Senhora das Dores

Abstract

This article proposes to identify how relevant the Basilic is in the capital memory management, analyzing the social and historical aspects of the place in the city's imaginary and presenting the church as a cultural heritage. The research utilized concepts related to patrimonialising, religiously, sociability and social memory to answer the following question: In which ways was the consolidation of the Basilica Nossa Senhora das Dores as a capital place of memory? The methodology used three fonts of research, exploring the obtained data by an interview with an active church museologist, with an analysis of tourism sites and historical pictures from the Porto Alegre Museum collection. With that, it is concluded that the space is relevant to the memory by its architectural and artistic characteristics, but most importantly historical, that not only provides a religious space to the people, but gifts the city with its monumentality.

Keywords: Patrimony; Memory; Museology; Basílica Nossa Senhora das Dores

Introdução

A presente pesquisa intitulada “De igreja à patrimônio: A Basílica Nossa Senhora das Dores na memória de Porto Alegre” tem como objetivo identificar qual a relevância da basílica na memória da cidade. Além disso, busco analisar e também apresentar o local como espaço de relevância no âmbito patrimonial.

A Basílica Nossa Senhora das Dores, localizada na antiga Rua da Praia, atual Rua dos Andradas nº 587, é um dos mais emblemáticos e tradicionais prédios da cidade de Porto Alegre. Construída no início do século XIX, este templo religioso ocupa um lugar estratégico no centro da cidade, tendo alcançado grande visibilidade. Foi tombado como patrimônio nacional ainda na década de 30 do século XX, a partir do Decreto de Lei nº 25 de 1937 e faz parte dos principais roteiros turísticos da capital do Estado.

Em 2022 o local foi alvo de uma grande transformação vinda diretamente do Vaticano e do Papa Francisco, o templo recebeu o título de Basílica Menor, sendo a primeira da capital e a segunda no estado, depois do Santuário Nossa Senhora Medianeira, em Santa Maria. “Basílicas são igrejas dotadas de especial importância para a vida litúrgica e pastoral de uma diocese e, por isso, possuem um particular vínculo com o Papa”, de acordo com o documento *Domus Ecclesiae* (Casa da Igreja), como escrito na reportagem do Vaticano *News* (2022). O título recebido demonstra que o templo possui relevância histórica, artística, religiosa e arquitetônica, e seu já antigo título de patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) auxiliou nessa condição de igreja a basílica, demonstrando a potência do local para e com a cidade de Porto Alegre.

Apresento aqui as referências bibliográficas iniciais desta pesquisa, de forma cronológica, mostrando textos que encontrei e que me ajudaram na construção do argumento, do problema de pesquisa e no desenvolvimento do trabalho. Para além da citação, é importante ressaltar que encontrei certa dificuldade de localizar pesquisas e artigos que se relacionassem à temática do artigo.

O texto que teve maior impacto na constituição do trabalho foi o Trabalho de conclusão de curso (TCC) da historiadora da arte pela UFRGS Sofia Inda, escrito no ano de 2016, intitulado “João do Couto e Silva: um entalhador português na Porto Alegre do século XIX” (Inda, 2016). Este texto foi instrumental no estabelecimento do problema de pesquisa, pois apresentou informações documentais relevantes sobre a história da construção do

espaço, assim, pude ter acesso a detalhes de acontecimentos e da cronologia desde a fundação da irmandade¹ até a edificação que conhecemos hoje.

Outra pesquisa que li e realizei a revisão bibliográfica, servindo como paralelo temático tinha como tema outro templo religioso da capital gaúcha chamada “Igreja Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre: entre destruição e a preservação patrimonial” da historiadora Thaís Tanccini, do ano de 2008, que tive acesso a partir da pesquisa no Lume UFRGS (Tanccini, 2008). A pesquisa cita a Basílica em alguns pontos, especialmente em relação ao tombamento, nela pude compreender que não houve interações contrárias ao tombamento do local.

Por fim, o terceiro trabalho que usei para constituir a estrutura desta pesquisa foi o TCC da bibliotecária pela UFRGS, Letícia Dutra Schioff de 2020, com o título “Fotografia e memória: Um estudo de caso sobre o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul” (Schioff, 2020). Diferente dos outros dois trabalhos citados acima, este não trata diretamente de questões patrimoniais em locais religiosos, mas como o nome já sugere, aborda a memória a partir de documentos fotográficos, gozando de conceitos que também foram aqui utilizados na construção do quadro teórico. Dessa maneira, pude observar como a autora resenhou os temas, deixando meu uso dos mesmos de forma mais operativa.

Um dos pontos de partida de uma pesquisa é a formulação de um problema que serve como delimitador de tema, além de auxiliar no andamento do trabalho:

A formulação do problema de pesquisa é o núcleo da construção de um projeto de investigação, e é em função dele que gravitam as escolhas teóricas metodológicas. O ponto de partida é a formulação de uma indagação, de um questionamento ou dúvida acerca de uma dada dimensão da realidade, que podem ser suscitados pela observação, pela intuição, pela imaginação pessoal, ou associados ao conhecimento teórico e às lacunas neles existentes. (Brumer et al., 1996, p. 124).

A pergunta não é a dificuldade do trabalho, mas sim, a possibilidade de solução do problema. Serve como produto inicial desta construção, assim, ao pensar nos objetivos que procuro alcançar, formulo juntamente o problema da pesquisa visando auxiliar neste processo. Dessa forma, neste caso, pensando no tema e no objeto de trabalho, cheguei à questão norteadora: De que forma se deu a consolidação da Basílica Nossa Senhora das Dores como um espaço de memória da capital gaúcha?

¹ Irmandade: São associações formadas por leigos dedicadas ao incremento da devoção aos santos e santas da Igreja católica, onde não estavam subordinadas a uma ordem religiosa como as ordens terceiras e se distinguiam das confrarias medievais que, via de regra, eram vinculadas a uma paróquia.

O objetivo geral é identificar qual a relevância da Basílica Nossa Senhora das Dores na memória da cidade de Porto Alegre. Como objetivos específicos delimitamos os seguintes passos: a) Analisar o papel social e histórico deste lugar no imaginário da capital; b) Apresentar a Basílica das Dores como patrimônio cultural da cidade.

Este trabalho se torna relevante pelo ineditismo da pesquisa, tal espaço já foi objeto e foco de outros trabalhos, entretanto o recorte aqui apresentado, estabelecendo como referência a memória da basílica no imaginário da cidade de Porto Alegre, não foi encontrado nenhum outro. Dessa maneira, abro caminho para possíveis próximos trabalhos na área da memória social sobre o local, além deste recorte, outros temas podem surgir da pesquisa visto que estou abordando um espaço importante da cidade, por sua importância histórica, estética e social.

É importante reforçar a relevância social do trabalho, com a pesquisa é possível mostrar a importância do espaço no meio acadêmico, instigando possíveis novos pesquisadores a ingressar nesta área de estudo. Além da pouca quantidade de bibliografia existente sobre o recorte, é um local que possui diversas versões da mesma história, justamente por sua trajetória ser permeada no campo da memória que, está em constante transformação, estando suscetível a mudanças e esquecimentos em sua história, dificultando o acesso a referências confiáveis. Vale ressaltar, que isso ocorre mesmo com a basílica sendo um espaço, que detém reconhecimento a nível federal como patrimônio a tantas décadas, assim, a presente pesquisa valoriza não somente a basílica como um local religioso, mas sim, como um patrimônio cultural tombado na memória afetiva e no imaginário da cidade.

Por fim, o último tópico que justifica o interesse em pesquisar o seguinte assunto, é minha inquietação em relação a história da cidade, como estudante de museologia vejo a importância de comunicar ao grande público conteúdo seja ele patrimonial, artístico e até mesmo religioso. Fomentar e divulgar a história instiga conhecimento e proximidade com seu público e até mesmo com o não público.

Assim, nas seções seguintes serão abordadas questões acerca do patrimônio cultural, memória e sociabilidades que gozam de conceitos elaborados, que dialogam com as temáticas escolhidas para o trabalho. No próximo item foi feita a apresentação do percurso da pesquisa aqui realizada, além de uma breve contextualização histórica da instituição e da cidade. Em seguida aparece a seção de análise, que foi subdividida em 3 partes, procurando

dar conta das especificidades de cada uma das fontes analisadas neste artigo, a fonte oral, os documentos fotográficos e as informações de caráter turístico. O trabalho finaliza com a apresentação das considerações finais da pesquisa e as referências bibliográficas.

Patrimônio cultural, memória e sociabilidades no universo religioso

Neste tópico da pesquisa, trarei os(as) autores(as) que foram relevantes para estruturar a abordagem teórica aqui desenvolvida e, os seus respectivos conceitos que estarão presentes ao longo de todo trabalho. Desta forma, na leitura abaixo você verá uma discussão abordando tais temas com os seguintes autores: Pierre Nora com o conceito de memória e história, François Mairesse e André Desvallées e com seu conceito de patrimônio, Carlos Fortuna abordando “As Cidades e as Identidades: narrativas patrimônios e memórias” e também “Religião, patrimônio e modernidades plurais” das autoras Paola Lins, Edlaine Gomes e Carly Machado. Por fim, o último assunto retratado neste quadro teórico será o tema “Espaço público” e “sociabilidade” conforme a dissertação de Yasminie Cerqueira.

Pierre Nora em seu texto sobre memória e história destrincha as semelhanças e diferenças existentes nos termos, mas além disso, apresenta pontos de reflexão que mostram como a memória é algo individual e espontâneo, um momento de enraizar no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, como o autor se refere no texto.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993: 9).

Dessa forma, podemos analisar que de acordo com o autor a memória está disponível a todos, não possui apenas um detentor, portanto mudanças a partir de novas perspectivas são comuns e até mesmo esperadas. A principal forma de vermos as óticas em relação à memória e história está no exemplo trazido por Nora, onde explicita que sem problemas o criticismo generalizado conservaria museus, medalhas e monumentos, até porque este é um trabalho conjunto, mas se esvazia da memória e dos lugares em que a memória pode permear (Nora, 1993).

Em relação ao patrimônio, fiz a escolha de utilizar o clássico livro “Conceitos chave da museologia” para fazer tal integração, levando em consideração que meu objeto de

pesquisa faz parte da lista de patrimônios tombados na cidade de Porto Alegre. A obra traz um panorama histórico sobre a visão dos patrimônios ao longo do tempo, mas também relaciona a forma com que grandes órgãos viam a patrimonialidade e seus possíveis desdobramentos. Na citação a seguir, utilizando como apud de outro autor, é possível observar a definição de patrimônio que deve ser sempre protegido, valorizado e conservado, servindo de certa ótica como uma linha de heranças e espaço de comunicação.

A definição de patrimônio no Quebec francófono, por exemplo, testemunha essa tendência geral: “Pode ser considerado como patrimônio todo objeto ou conjunto, material ou imaterial, reconhecido e apropriado coletivamente por seu valor de testemunho e de memória histórica e que deve ser protegido, conservado e valorizado. (Arpin, 2000 apud Desvallées e Mairesse, 2013: 74).

Com a leitura posso resenhar que a proteção dos patrimônios foi se desenvolvendo com o passar dos anos, abrangendo mais recentemente os bens imateriais, por exemplo, tipo de patrimonialidade que não se via ou se discutia anteriormente. Assim, o patrimônio religioso, onde a basílica está inserida, também está em constante mudança, mas foi um dos primeiros locais a receber reconhecimento como um bem tombado a nível federal pela antiga Secretaria do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (SPHAN), atual IPHAN em 1938.

Um trabalho que faz um apanhado sobre algumas das temáticas aqui abordadas é do autor Carlos Fortuna, que apresenta um levantamento de informações a partir dos temas: patrimônio, memória e identidade, dentro da limitação do campo da narrativa de cidade. São discutidas questões centrais em relação ao tempo e espaço, a importância disso na formação identitária e, acerca desses acontecimentos, onde estão as memórias dos indivíduos, na citação abaixo:

As ruínas e o restante patrimônio histórico são, portanto, espaços ritualísticos que suportam a transformação da identidade dos sujeitos, por meio de processos sociais de liminaridade, como os rituais de passagem estudados por V Turner (1969). É possível, assim, sustentar que a visita às cidades históricas e aos lugares do passado representa e pode significar uma passagem, uma transição. Mas uma passagem e uma transição especiais, já que no seu decurso os indivíduos se vêem a si próprios e aos olhos dos outros como não tendo nada de seu, sobretudo não tendo obrigações. (Fortuna, 1994: 7).

Estas visitas que o autor traz no trecho devem estar inseridas e andar junto com a proteção patrimonial, ou seja, um local histórico, que pode ser de cunho educativo,

comercial, militar e até mesmo religioso deve ser conservado a fim de contar nossa história para as próximas gerações. A transição que ocorre dentro destes espaços, quando passa a ser considerado um patrimônio tombado, deve seguir pontos que ajudam nesta conservação. Visando seguir o Decreto de Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 que resguardava tais patrimônios, que será destrinchada mais abaixo, no item 4 desta pesquisa, referente aos apontamentos históricos, mas para além disso, os conceitos que promovem a comunicação e a educação patrimonial a partir de tais espaços.

O próximo trabalho usado neste quadro teórico, está relacionado às temáticas de religião e patrimônio, demonstrando que no Brasil a tomada de iniciativa de tombar e proteger patrimônios, surgiu da ideia de resguardar instituições religiosas e católicas, a partir de uma grande leva de destruição das mesmas, levando o IPHAN, na época, ser considerado um produtor da “monumentalização da fé”. Trago ao final deste dossiê os dados de Oliveira (2016) sobre o IPHAN, onde mostra um estudo de cinco anos atrás. Na lista de bens tombados inscritos nos Livros Tombos dos 1149 bens registrados, 469 são de cunho religioso, entre estes 458 são da religião católica, sendo equivalente a 97%.

Assim, estamos diante da complexidade do debate sobre patrimônio, em especial, o religioso, que não pode desconsiderar a variedade de visões, interpretações, adaptações e entrecruzamentos existentes na definição do que é patrimonializável, variáveis ainda mais deslizando quando está em questão a preservação do “imaterial”. (Lins; Gomes; Machado, 2017: 3, grifo dos autores).

O debate sobre patrimônio já se mostra complexo o suficiente, entretanto, quando adicionamos nesta discussão a religião, isso se torna uma tarefa ainda mais árdua, justamente por estes espaços ortodoxos terem sido beneficiados e protegidos primeiro. Como é possível observar nos primeiros processos de tombamento, ainda na década de 1930. No caso da basílica, mesmo sendo o pioneiro neste modelo de proteção em Porto Alegre, foi o processo de número 96, que foi antecedido por cerca de mais de 60 edificações semelhantes no país, de acordo com a Lista de bens tombados e processos em andamento do IPHAN. Deixando outras modalidades de casas religiosas fora desta equação. Todavia, atualmente, outros espaços religiosos podem ser inventariados e protegidos, além de locais físicos e arquitetônicos como, rituais, vestimentas, festas e celebrações, movimentos que fazem parte da religião como uma só unidade.

Encerrando este item referente ao referencial teórico desta pesquisa, utilizamos o conceito de espaço público e sociabilidade urbana, assim, a obra escolhida aborda a relação da sociabilidade urbana nos espaços públicos e, a percepção do espaço público na cidade contemporânea. Assim, a autora traz o seguinte conceito:

Espaço público é termo de definição complexa por causa das inúmeras análises e conceituações que permitem suas várias configurações e dinâmicas, é plural em sua essência. Mas, apesar de tantas definições e pouco consenso, é entendido aqui como um ponto de representação da vida cidadina, expressão da relação dialética entre o espaço concreto e as dinâmicas urbanas (políticas, sociais, econômicas e culturais). (Cerqueira, 2013:19).

Como é possível ver na citação acima, a autora visualiza o espaço como um ponto de representação, mas além disso, relaciona a dinâmicas urbanas como, política, a sociabilidade, a economia e também a cultura. Desta maneira, na pesquisa citada o espaço público é tratado por um local comum em coletivo, devendo abrigar a convivência, estimulando este contato se possível (Cerqueira, 2013), posso pensar então que o espaço da Basílica Nossa Senhora das Dores deve ser um local de difusão ocupado pela população, mesmo sendo administrado pela iniciativa privada o ambiente presta um serviço público, justamente por ser um templo religioso e por ser patrimônio da cidade. A comunidade tendo este contato e usufruindo destes locais tornam seu tombamento mais relevante, pensando em gerações futuras e na possibilidade de ter nesta instituição um caminho para a educação patrimonial.

Percurso da pesquisa

A metodologia de uma pesquisa visa explicar com o que fazer e até mesmo como fazer para concluir os objetivos e responder a questão norteadora, dessa forma, os processos metodológicos tangem na escolha das fontes e em técnicas de coleta, alinham a forma com que estes dados serão analisados, servindo como ponto de referência para o pesquisador. Minayo e Sanches (1993: 240) observam que:

O conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação. O método tem, pois, uma função fundamental: além do seu papel instrumental, é a —própria alma do conteúdo, como dizia Lênin (1965), e significa o próprio —caminho do pensamento, conforme a expressão de Habermas (1987).

Quanto à natureza do trabalho é possível classificar esta pesquisa como exploratória, visto que foi realizada com o intuito de oferecer uma visão geral sobre determinado fato, sendo desempenhada a partir de temas e assuntos que não possuem grande carga de acervo bibliográfico existente, colaborando assim com o fomento sobre tal assunto. De acordo com Gil (2022), as pesquisas exploratórias possuem maior familiaridade com o problema:

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: 1) levantamento bibliográfico; 2) entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Selltiz et al., 1967: 63). Em virtude dessa flexibilidade, torna-se difícil, na maioria dos casos, “rotular” os estudos exploratórios, mas é possível identificar pesquisas bibliográficas, estudos de caso e mesmo levantamentos de campo que podem ser considerados estudos exploratórios. (Gil, 2022: 42).

A pesquisa investiga informações, a fim de auxiliar o pesquisador a ter mais respaldo sobre o assunto, ou seja, conhecer cada vez mais e mais a fundo seu objeto de pesquisa. Além disso, vale ressaltar que na citação de Gil (2022) o autor aponta possíveis formas de coletar dados, envolvendo levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas envolvidas na temática, tais métodos que utilizei ao longo do trabalho.

Quanto à abordagem da pesquisa, identifico este trabalho com cunho qualitativo, onde a análise foca no caráter do objeto escolhido, onde houve uma investigação científica, neste caso buscando saber o papel da Basílica Nossa Senhora das Dores na memória da cidade de Porto Alegre. Além disso, de acordo com Minayo e Sanches (1993) o formato de pesquisas qualitativas caminham sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, noutra inventa, ratifica seu caminho. Assim, enquanto elaborava a metodologia a ser usada, também delimita informações acerca do tema.

Em relação às fontes de informação, o trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental, ou seja, foi abordado como procedimento técnico questões relacionadas a campo. Foi realizada uma entrevista semi estruturada com a museóloga da Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre, onde o roteiro se baseou em questões em mais técnicas que a profissional poderia auxiliar dividindo comigo seu olhar especializado.

Para mais, a pesquisa previa a aplicação de um questionário com frequentadores da basílica, onde foram abordadas questões relacionadas ao patrimônio e a memória, para isso foi escrito uma carta de intenção enviada para o local, explicando o contexto da pesquisa e

apresentando as perguntas formuladas. De acordo com Fonseca (2002), a busca em campo se caracteriza por investigações que como esta da aplicação de um método de coleta mais estruturado, já o segundo método citado, pesquisa bibliográfica, foi aplicado o conceito do mesmo autor como referência, onde temos a noção do procedimento técnico como:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas “já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de *web sites*” (Matos e Leche: 40) sobre o tema a estudar. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (Fonseca, 2002: 31).

Podemos ver que Fonseca (2002) destrincha a ideia do conceito de pesquisa bibliográfica e análise documental como um levantamento de referências já existentes, ou seja, um trabalho se inicia com este movimento de pesquisa para conhecer a fundo o assunto, e assim se embasar teoricamente para a escrita da pesquisa, podendo utilizar até mesmo de alguns autores em comum.

Entretanto, ao longo da pesquisa pude notar a dificuldade em aplicar coleta de dados com público. Entre os dias 7 a 10/2 estive presente na missa da Basílica Nossa Senhora das Dores das 18h para entrar em contato com os frequentadores e observar a visitação. Encontrei uma grande resistência dos presentes que abordei para responder um questionário, mesmo me apresentando e explicando que seria utilizado como fonte de análise em meu TCC. As pessoas se mostraram distantes, arredias e conseqüentemente recusaram. Depois de abordar algumas pessoas em ambas entradas da basílica obtive apenas duas pessoas dispostas a responder, sendo um vigilante que pude notar que tem uma proximidade com alguns frequentadores mais assíduos. Ambos participantes que aceitaram participar, ao fim da conversa assinaram um termo de consentimento a pedido da própria basílica. Assim, resultou que foi necessário abandonar esta fonte de pesquisa, visto a amostragem mínima, o que tornou inviável a análise a partir destes dados, justamente pela pouca adesão do público.

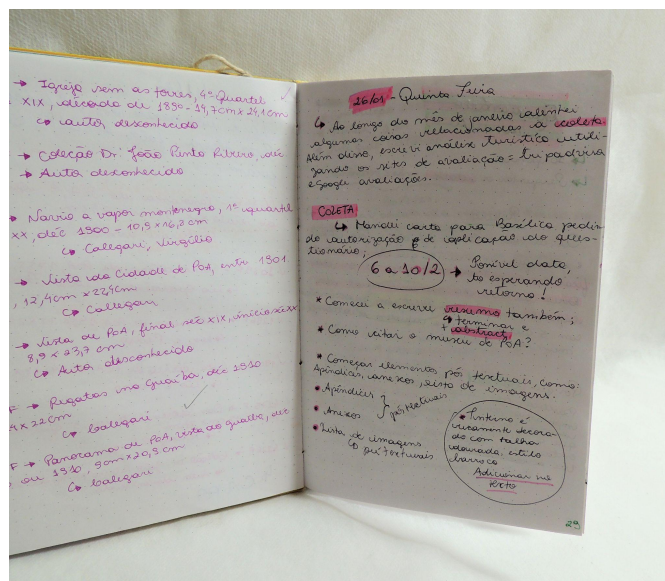
Pensando em análise documental, fiz o uso do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo como aporte imagético da paisagem da capital, foi por meio do acervo da Fototeca Sioma Breitman que tive acesso a 13 fotografias para analisar suas singularidades. No item referente a análise dos dados será possível encontrar uma reflexão sobre 5 fotos do acervo, obtidas por meio de cedência de imagem a partir do Termo de responsabilidade para utilização de reproduções de fotografias do acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Nas fotografias é possível identificar a urbanização e o

crescimento da cidade de maneira latente, assim como, a beleza natural do município e a fase de construção da Basílica Nossa Senhora das das Dores.

A fim de trazer para a pesquisa o olhar dos visitantes do espaço, fiz a identificação e a coleta de dados utilizando dos sites de avaliação turística *TripAdvisor*² e *Google Avaliações*³, por se tratar de referências no assunto, sendo os primeiros colocados na busca do navegador. Juntos, os dois *sites* contabilizam mais de 2900 comentários e notas ao total, contando como um forte aporte de dados para a avaliação deste grupo do público. Pensei na utilização destes meios não convencionais, justamente por mostrar comentários pessoais, servindo como uma amostragem não convencional, que buscam sinalizar a outros possíveis visitantes sua experiência real no local.

Durante todo percurso da pesquisa fiz o uso de um caderno de campo, onde anotei pendências, escrevi dúvidas e pensamentos que no momento eram relevantes, de acordo com a imagem abaixo. Foi por meio dele que levei questionamentos em todas as orientações, sendo o primeiro local a receber esboços de escrita desde o projeto até a fase final. Acredito que este recurso me auxiliou a esquematizar, mas além disso, organizar pensamentos e ideias que pairavam pela minha cabeça.

Figura 1: Caderno de campo da pesquisa



Fonte: Acervo pessoal da autora

² Site de orientações de viagens com informações e opiniões sobre turismo com fórum interativo. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>

³ Aba do Google que serve para recolher feedbacks de visitantes por meio de comentários individuais. Disponível em: encurtador.com.br/befLM

Já tinha feito o uso de um caderno de bordo em outro momento, e o considero como um importante parceiro durante a escrita, servindo como distração em alguns momentos, mas principalmente, como um aliado que recebe e me ajuda a sistematizar os conglomerados de sugestões e ideias.

Basílica das Dores – apontamentos históricos

A capital gaúcha no século XVIII, a partir do interesse da Coroa Portuguesa em expandir seu domínio na região sul do Brasil, passa a crescer e se estabelecer. Por volta de 1732 os Sesmeiros Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos e Sebastião Francisco Chaves que obtinham importância no território, recebem o título provisório em 1740. Com toda a exploração do ouro em Minas Gerais, a demanda por outros tipos de produtos, como o gado e o charque, que já eram cultivados aqui, fizeram com que as terras no extremo sul do país entrassem no radar de interesse dos colonizadores.

Entretanto, é apenas em 26 de março de 1772 com a criação da Freguesia, pelo bispo Dom Antônio do Rio de Janeiro, onde desmembra o então “Porto dos casais” da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, criando a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, data está oficializada tempos depois como a de fundação da cidade. É no ano seguinte que a já chamada de Porto Alegre passa a ser a capital da província, a mudança é realizada por motivos estratégicos como proteger a sede do estado e da Capitania de uma possível invasão espanhola.

Com a fundação da cidade, uma das primeiras ruas que se formaram foi a famosa rua da Praia, antigo nome da Rua dos Andradas, ela está presente desde a fundação da freguesia que se transformou em Porto Alegre como conhecemos anos mais tarde. Atualmente conhecida como rua dos Andradas, o local possui como seu cartão postal principal a Praça da Alfândega, espaço este que abrigou os primeiros comércios da cidade com a margem do rio e o Cais do Porto. Além da famosa praça, há grandes edificações centenárias que contam mais da nossa história, um dos mais antigos e mais imponentes, é a Basílica Nossa Senhora das Dores em frente a Praça Padre Tomé.

Ainda no fim do século XVIII, um grupo de devotos da elite de Porto Alegre se interessou em iniciar uma devoção no entorno da imagem de Nossa Senhora das Dores, a devoção não seguia as mesmas regras existentes numa irmandade, justamente por não haver

obrigações e encargos fixados. Segundo a tese de Meirelles, (2021) foi na Igreja da Matriz (localizada na Rua Duque de Caxias nº 1047) que nasceram diversas devoções, que com o passar dos anos vieram a se tornar irmandades, dentre elas, sendo a 5ª congregação criada, está a das Dores. Para o autor o intuito de criar irmandades estava num local de múltiplos porquês, permeado por diversos motivos como: Questões de fé e devoção, por status, distinção e hierarquia social, para caridade pública e assistência mútua.

Assim, a imagem da Nossa Senhora das Dores já era seguida e cultuada na capital, antes mesmo de existir a edificação que conhecemos atualmente, dentro do antigo edifício da Igreja Matriz existia um altar em que a imagem era adorada, sempre às sextas feiras eram realizadas missas, a partir da contratação do reverendo Vigário, desta forma, é possível pensar que mesmo antes do espaço físico como conhecemos hoje existir, a imagem e a adoração pela Madre Dolorosa já existia.

Ainda nos primórdios, antes do início da construção do templo, eram realizadas reuniões de Mesa, focando em assuntos centrais como as eleições de cargos relevantes para a irmandade e decisões acerca das celebrações realizadas no dia de Nossa Senhora das Dores, inclusive, não se tem a precisão da data em que a festividade ocorria, mas estava entre os meses de março e maio. Além disso, o historiador Meirelles (2021) em sua tese ainda traz mais informações referentes ao interesse da irmandade em angariar mais fiéis, como é possível observar na citação:

Para angariar seguidores, desbancar suas rivais e abrilhantar o culto às Dores de Nossa Senhora, os irmãos desta agremiação precisavam aprimorar ao máximo possível as suas participações públicas, as procissões e festas. Assim como a sociedade de Antigo Regime na qual estavam inseridas, as irmandades possuíam distinções hierárquicas de poder e prestígio umas das outras. Então, embora as Dores não fossem concorrer com as irmandades do Rosário ou da Conceição, por não aceitar membros de cor como estas, era importante que se sobrepusessem publicamente a todas as confrarias, a partir do luxo e pompa de suas procissões, demarcando aos olhos do povo. (Meirelles, 2021 apud Chanon, 1996: 119).

Em 1801, quando se tem o primeiro registro dos juízes(as) eleitos para a Irmandade, foi o Capitão José Antônio da Silveira e Casado que assumiu o posto, mas é 6 anos mais tarde, já tendo o Coronel José Joaquim Alves como juiz e como tesoureiro, Domingos de Almeida Lemos Peixoto que esteve à frente do posto de 1801 a 1822, sendo responsável pelas despesas que, a irmandade fixou sua pedra fundamental no local, em fevereiro de 1807. As construções por meio das confrarias se dava principalmente como um meio de obter renda, mas além disso, o intuito era de alcançar autonomia sendo proprietários de um

templo, por isso, uma irmandade tão jovem como a das Dores iniciou este processo de separação de forma tão veloz.

Em 1813 a primeira parte da obra estava concluída, tendo seu primeiro acesso na antiga Rua da Ponte, atual Riachuelo. Neste mesmo ano foi realizada a transladação da imagem de Nossa Senhora das Dores da Matriz para esta nova capela, tal evento ocorreu em procissão pública, estando presente todo o clero, os fiéis, o Capitão-General Dom Diogo de Souza, estado-maior e tropa, de acordo com Franco (1988). Em meio ao evento, a imagem foi benzida pelo Vigário da Freguesia, Padre José Inácio dos Santos Pereira, após a autorização recebida por Provisão do Bispo do Rio de Janeiro referida no ano anterior (Meirelles, 2021).

Anos mais tarde, em 1819 a basílica obteve sua elevação à Ordem Terceira de Nossa Senhora das Dores. Tal feito foi desejado e solicitado ao Rei para que houvesse maior distinção das outras irmandades já existentes na cidade, inclusive estas tais necessitavam estar vinculadas a alguma ordem primeira, sendo aprovadas pelo Papa. Mesmo com a emissão do Indulto Apostólico, lavrado em Roma em fevereiro deste ano, houveram diversos percalços, até mesmo políticos da Capitania que atrasaram o andamento dos negócios da confraria. Entretanto, é apenas em 1824 que a Irmandade é extinguida, até meados de 1839 o templo goza deste novo *status*, tendo sido elevada a Ordem Terceira, mas este novo posto não foi para frente, por diversos pontos burocráticos como, os inflexíveis critérios para ingressar na irmandade, o desligamento de irmãos que não se sentiram à vontade com este novo título e a estagnação financeira do local.

É possível observar que a construção da basílica ocorria em meio ao crescimento da cidade, nos primeiros anos de obras, em 1814 Porto Alegre possuía 6 mil habitantes, enquanto a Província já contava com 70 mil, sendo elevada a cidade em 1822 (Singer, 1977), então podemos pensar que mesmo não sendo uma obra tão grandiosa na época, como estamos acostumados atualmente, a pequena capela já poderia chamar atenção, resultando, anos mais tarde, em uma mudança de regras. A antiga Ordem Terceira e, agora irmandade novamente, em 1839 passam a aceitar novos membros de forma mais simples, com essa quantia maior de dinheiro entrando nos cofres, por meio das esmolas e mensalidades cobradas dos irmãos, se iniciou a construção da nave em estilo eclético.

De acordo com a historiadora da arte (Inda, 2016) a construção de igrejas por parte das irmandades religiosas, competiam entre si pela beleza de seus templos, era parte de uma

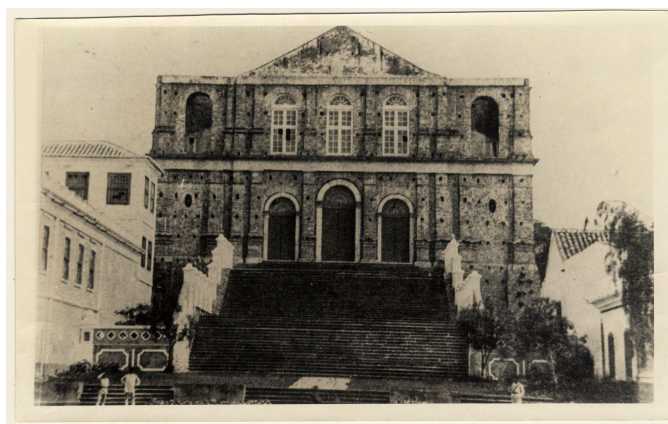
estratégia simbólica onde a elevação do espaço estava envolvida com a definição do status social das comunidades.

Por variados motivos a obra da basílica como conhecemos hoje, passou por impasses que atrasaram em décadas a finalização, exemplos disso, é a Guerra dos Farrapos de 1835 a 1845, que modificou o sentido de crescimento de Porto Alegre (MONTEIRO, 1995, p. 30), além disso, há também impasses naturais, como um raio ter atingido o altar-mor do templo durante a década de 1860, mesma década em que a Guerra do Paraguai acontecia e o espaço contava com uma área de atendimento médico voltada aos enfermos. Para mais, houveram outras percalços como a falta de recursos para a construção, feito este que acompanhou a basílica desde o início das obras e, também histórias envolvendo o templo, uma das mais famosas é a lenda do escravizado Josino que se tornou folclore e é contada ainda pela cidade.

Na imagem abaixo é possível ter uma noção fotográfica maior de como a basílica estava antes de sua finalização, as imponentes torres não haviam sido ainda construídas, entretanto, a escadaria que está no imaginário da cidade já se mostrava presente. É plausível a observação de como a imagem da basílica está firmada a partir da existência de suas torres, quando tive acesso a imagem, estranhei ver essa edificação que não reconheço como a Basílica Nossa Senhora das Dores na qual estamos acostumados a passar pela rua dos Andradas.

Vale também ressaltar, que toda sua majestuosidade presente a partir da escadaria e de suas torres não está totalmente presente na imagem 2, justamente pela falta desses elementos tão significativos. Além disso, é possível calcular o tempo que as torres demoraram para serem construídas, a imagem da década de 1890 mostra o espaço sem elas e já no início do século XX as obras são enfim finalizadas.

Figura 2: Igreja sem as torres, 4º Quartel do séc XIX, déc de 1890



Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman

A edificação da basílica foi concluída em 1904, após 97 longos anos em construção, tornando o local um espaço de testemunho vivo da evolução cultural do município, a confecção interna de importantes elementos como das talhas, com o destaque para os ornatos, flores, portas, tribunas esculpidas e coros teve João do Couto e Silva como responsável e “Mestre dessa obra” como é citado no interior da porta principal da basílica na parte superior, já as pinturas dos forros foram realizadas por Germano Traub.

A basílica conta com alguns elementos que a caracterizam como um espaço simbólico na cidade, os sinos vindos da Alemanha no início de 1900 e a famosa escadaria de 63 degraus fazem parte da memória e do imaginário de diversos grupos de pessoas. Vale ressaltar, que o estilo da fachada se difere do seu interior justamente pela demora em finalizar o processo de construção do espaço, ao longo das décadas em obras os estilos arquitetônicos em maior popularidade mudaram.

Um templo da religião católica localizada quase às margens do Rio Guaíba, no coração do centro histórico da cidade, não é importante somente em termos que tange a crença, mas também por se tratar de um edifício tombado a nível federal pelo antigo SPHAN atual IPHAN, sendo um local preservado e conservado desde 1938, presente em um dos cinco livros tombos criados, sendo inscrito no livro de Belas Artes, sob o nº 185, de 20/07/1938.

O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção patrimonial e cultural mais conhecido, pode ser feito pela administração federal, estadual e também municipal, no âmbito nacional foi instituído pelo Decreto de Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, tendo

tido pioneiro nas Américas, sendo ainda utilizado até hoje, de acordo com o portal do IPHAN na internet.

Artigo 1º - Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º - Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o Art. 4º desta lei.

§ 2º - Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela Natureza ou agenciados pela indústria humana. (Brasil, 1937).

Segundo a Lei supracitada, o Patrimônio Cultural é definido como um conjunto de bens móveis e também imóveis presentes no Brasil, cuja a conservação é de interesse do estado, que procura possuir a vinculação destes bens tombados a fatos históricos e relevantes para a história do país sendo por caráter etnográfico, arqueológico, artístico e bibliográfico. Também são sujeitos a tombamento locais de preservação natural, como paisagens ou sítios que importem a conservação pela notável importância.

Um marco cultural, turístico e social – análise dos dados

A análise das coletas realizadas por este trabalho buscou se fundamentar em três grandes pilares que foram abaixo destrinchados e analisados. Assim, todo este item será dividido em: O papel da Basílica Nossa Senhora das Dores como um espaço de disseminação do patrimônio na capital, análise do caráter social e histórico presente no ambiente e por fim, o potencial turístico e paisagístico que a instituição possui na cidade na qual está inserida. Possuindo os seguintes subtítulos: Estudo turístico e paisagístico - Documentos digitais, Estudo fotográfico - Documentos históricos e Estudo do olhar da profissional - Documento oral.

Estudo turístico e paisagístico - Documentos digitais

Escolhi utilizar as considerações deixadas por visitantes nos sites *Tripadvisor* e *Google Avaliações*, no período de construção deste trabalho as duas plataformas juntas contabilizam mais de 2900 interações, tendo uma nota de 4,9 no Google e estando presente

na Tag “365 coisas para fazer em Porto Alegre” em 5 lugar no *Tripadvisor*. Dessa maneira, é possível constatar que o espaço está presente na vida turística do município, onde mantém viva a relação de reconhecimento do ambiente que diariamente recebe visitantes interessados em adentrar a um edifício tombado e protegido, mesmo acreditando que está informação não seja difundida entre a maior parcela do público visitante.

A plataforma *Tripadvisor* conta um algoritmo que contabiliza as avaliações e notas deixadas, a instituição soma 782 menções tendo uma nota de 4,5, sendo 454 menções de excelência e nenhuma de “horrível”, (de acordo com a imagem 3) dentro das métricas usadas no site. Tal nota a coloca no top 5 de locais para se visitar na cidade, estando a frente de espaços como a Casa de Cultura Mário Quintana que fica a poucos metros da basílica e está em 16º lugar nessa tag, e também, sua vizinha de Arquidiocese, a Catedral Metropolitana de Porto Alegre que está na 10º colocação, mesmo ambas tendo alcançado uma maior quantidade de avaliações, passando das 1200 cada uma.

Figura 3: Nota da Basílica no Tripadvisor



Fonte: Tripadvisor (2023)

Nas avaliações do *Google*, os visitantes da basílica costumam mencionar em suas colocações palavras chave que o próprio site contabiliza e mostra a frequência em que são utilizadas, a expressão histórica por exemplo, foi usada 105 vezes, enquanto arquitetura foi mencionada 60, escada 55 vezes e turismo 26. Com isso, é possível refletir que tais termos tão mencionados por visitantes englobam e giram em torno de um mesmo ambiente, reforçando o caráter cultural, social e histórico do espaço, conteúdo este que dialoga com a

ideia exposta por Desvallés e Mairesse (2013), na definição sobre patrimônio, onde explicita que a vida patrimonial de espaços está em constante mudança. O local possui valor histórico de maneira física, mas em relação a memória e a alguns termos usados para retratar a basílica, nos apresenta que o local preenche o caráter de testemunho que deve ser preservado e protegido dentro dos possíveis desdobramentos patrimoniais.

Há duas avaliações que me chamaram atenção no *Google*, ambas relacionam a basílica a outras igrejas ao redor do mundo, demonstrando assim que a arquitetura do espaço e a beleza presente chama atenção e faz com que visitantes lembrem de outras instituições, neste caso, europeias que geralmente são tratadas com mais relevância. “Esta catedral lembra a *Sacré Coeur* de Paris, por estar situada na colina e ter uma longa escadaria que leva ao seu interior, também pela cor branca das paredes.” (Comentário de visitante no site *Google Avaliações*, acessado em 11/01/2023).

Além de citar a semelhança entre a Catedral e a nossa basílica consigo analisar o comentário como incentivador, ele pode servir para angariar mais público ao espaço, essa análise vem também da posição do comentário no site, ele aparece como um dos mais relevantes. O segundo, possui a mesma conotação de buscar compatibilidades entre a basílica com outra igreja europeia, neste caso, como o próprio visitante coloca, “uma linda igreja no centro de Lisboa”, também, em sua colocação pude ver que a pessoa cita até mesmo que não se surpreenderia se a das Dores tivesse seu design baseada “nesta linda igreja de Lisboa”.

Ambos os comentários citados trazem uma certa comparação com outros espaços religiosos ao redor do mundo, são carregados de memórias nas quais estão presentes na vida das duas pessoas, cada um trouxe seu contraponto de semelhança da basílica com os locais mencionados, isso traz à tona a ideia de Nora (1993) sobre memória não possuir um detentor, ou seja, enquanto um lembra de um local ao ver a basílica, outro poderia confrontar não concordando porque estamos à mercê de diferentes perspectivas, de acordo com o autor a memória é a vida, repleta por grupos vivos.

Outro ponto que devo citar nesta avaliação turística, é referente a quantidade de comentários deixados em inglês no *Google Avaliações*, todos que vi são pequenos adjetivos, bem simples e não muito elaborados, mas mostra que o ambiente é também frequentado por turistas estrangeiros. Além do mais, algumas pessoas que avaliam a basílica no site com menções mais completas que, possuem até mesmo mais de um parágrafo traduzem o

comentário para a língua inglesa automaticamente, assim, turistas de fora do país são contemplados.

No *site Tripadvisor*, um diferencial está na possibilidade de adicionar um título a sua avaliação, dessa forma, todas as mais de 700 menções deixadas no *site* abordam algum aspecto do espaço, seja ele de caráter positivo ou até mesmo informativo, como é o caso dos comentários deixados durante o auge da pandemia de Covid-19, demonstrando e avisando que a basílica se encontrava fechada ao público.

Outra avaliação em destaque no mesmo *site*, traz um panorama geral da história do espaço, possui informações completas que servem como uma espécie de aula para os leitores, é dito algumas datas como a de início de construção, informações arquitetônicas, faz referência ao tombamento realizado a nível federal, aborda a lenda do escravizado Josino, trazendo uma certa ênfase nesta parte. Cita também a mudança na nomenclatura da instituição para a Basílica em 2022 e por fim, ainda traz as mudanças ocorridas no desenho arquitetônico do espaço, após a morte do responsável que, refletiu na criação de um novo desenho para as famosas torres, informações estas que não sei a procedência, mas que formam uma avaliação um tanto quanto diferenciada das demais.

Ao final da terceira semana do ano de 2023 o local já recebeu 15 novos comentários e notas no *Google Avaliações*, mostrando que o espaço está recebendo novos visitantes, que depois de conhecer ainda se interessaram em avaliar o ambiente na plataforma. Assim, posso pensar que mesmo no mês de janeiro marcado pelas férias e as temperaturas tão altas, não fizeram com que a busca por este local ficasse escasso, muito pelo contrário, este número apresenta que a basílica obteve quase a média de um comentário por dia.

Estudo fotográfico - Documentos históricos

Como um aporte simbólico da avaliação paisagística deste trabalho, tive a ideia de apresentar imagens da cidade de outras décadas, assim, fiz o contato com o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, onde pude realizar uma pesquisa no acervo da Fototeca Sioma Breitman, em busca de fotografias panorâmicas da capital que demonstram que mesmo não sendo o foco do clique, a Basílica Nossa Senhora das Dores já se mostrava presente pelo seu majestoso prédio, como um cartão postal do município.

Figura 4: Vista de POA, final do séc XIX



Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman

A imagem acima com autoria desconhecida nos mostra a edificação da basílica ainda em fase de estruturação, não contendo sua segunda torre de pé, no fim do século XIX, podemos acompanhar a partir deste registro a árdua campanha que se deu ao longo de 97 anos de construção do prédio, na fotografia podemos observar de maneira panorâmica a cidade crescendo e se modificando, além da basílica é possível ver centralizada outra grandiosa obra da capital, a antiga chaminé da Companhia *Fiat Lux*, primeira Usina Termelétrica da cidade, inaugurada em 1887, segundo o *site* Memória da Eletricidade. O que mais me chama atenção na imagem é a imponência da construção do espaço, é possível pensarmos o quanto esta construção chamava atenção dos pedestres, algo que ainda hoje acontece frequentemente.

Aproximando mais a imagem da fotografia é possível visualizar o contexto da obra e sua complexidade, a quantidade de material envolto nos apresenta um momento quase final da construção. Pela data da imagem, é possível calcular que poucos anos mais tarde a basílica era finalizada e inaugurada ao público. Além disso, outra reflexão que tive a partir da imagem, é em como o espaço nos chama atenção mesmo antes de finalizado, na fotografia em questão há dois grandes pontos centrais, a já citada chaminé centralizada na obra fotográfica, mas também e de forma mais arrebatadora basílica lateralizada, estando neste período de finalização e, por contar com apenas uma das torres capta a atenção do telespectador da fotografia.

Figura 5: Vista da cidade de POA, entre 1901 e 1905



Autor: Virgílio Callegari

Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman

Na presente imagem panorâmica da cidade Porto Alegre, posso analisar diversos pontos como, a vida marítima do município que tinha como sua entrada o Rio Guaíba que, se despedia e recebia diversas pessoas diariamente, a antiga chaminé da Companhia *Fiat Lux*, assim como na imagem anterior, além de claro, a Basílica Nossa Senhora das Dores já com suas obras finalizadas.

Pela distância do clique, um dos prédios que conseqüentemente mais chama atenção é o objeto dessa pesquisa, a altura de suas torres ultrapassam até mesmo a linha do horizonte ao fundo com os morros da cidade, acredito que o ângulo possa ter ajudado, mas a grandiosidade da construção ofusca o restante, neste caso, a basílica ainda está no centro da fotografia trazendo ainda mais destaque para a mesma. Além disso, na fotografia é possível observar, mais acima do morro na lateral, as torres da antiga Igreja da Matriz.

Ao contrário das demais, esta fotografia já estava no meu radar desde antes do início da pesquisa, em uma das visitas que fiz ao subsolo do Farol Santander Cultural, R. Sete de Setembro, 1028 também no bairro Centro Histórico de POA, pude ver ela ampliada na exposição que conta a história do município e também do prédio onde está localizado o espaço cultural. Dessa maneira, a obra de Callegari está presente no imaginário atual dos

frequentadores do espaço, por se tratar de uma obra tão estabilizada no tempo e, também por apresentar tantos detalhes da vida dos Porto Alegrenses naquele momento.

Figura 6: Regatas no Guaíba, 1910



Autor: Virgílio Calegari
Fonte: Fototeca Sioma Breitman

A próxima imagem nesta análise nos mostra a prática de regata no Rio Guaíba, a foto de 1910 do fotógrafo Virgílio Calegari, apresenta a edificação já finalizada a poucos anos ao fundo. De acordo com o Museu Marítimo EXEA, o Brasil foi pioneiro na prática do remo, a primeira competição que se tem registro no país ocorreu de maneira informal na enseada do Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, ainda no século XVIII. Entretanto, não demorou muito para que o esporte alcançasse novos locais, nas seguintes décadas clubes surgiram em outros estados como São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Assim, é possível observar que na imagem captada os atletas poderiam estar treinando ou até mesmo competindo, mas novamente a basílica chama atenção com sua arquitetura grandiosa, o espaço não era o principal foco na imagem, mas com sua expertise Calegari não a cortou, nos disponibilizando um olhar mais lateralizado, além disso, é possível ver que a instituição, naquele momento, era a maior edificação construída neste eixo da capital. Essa comparação pode ser realizada em contraponto com a torre de outra instituição religiosa ao fundo na imagem, entre uma das velas das regatas, é visível avistar a torre do Santuário São Rafael (localizada na Rua Riachuelo nº 508), em uma escala menor a da basílica.

Figura 7: Vista aérea de Poa, 1964



Autores: Léo Guerreiro e Pedro Flores
Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman

A imagem 7 de Léo Guerreiro e Pedro Flores, nos apresenta a vista aérea da cidade de Porto Alegre no ano de 1964, em uma fotografia mais atual em relação ao demais mostro como a vida urbana de uma capital acontece. As mudanças estruturais, arquitetônicas e sociais que o município viveu em meio aos mais de 50 anos dentre a última imagem e esta são gritantes, é visível o crescimento urbano e a expansão da capital até mesmo para dentro das margens do Rio Guaíba, prática que já era conhecida anteriormente, mas que alcançava neste momento a zona sul da cidade. Um ótimo exemplo disso, é a inauguração do estádio Beira Rio no bairro Praia de Belas que, ocorre neste mesmo ano construído sob as águas.

Diferentemente das imagens anteriores, vemos as novas edificações tendo maior destaque em relação a Basílica Nossa Senhora das Dores, em diversos pontos da cidade vemos novos e altos prédios construídos, mas com uma arquitetura completamente diferente da eclética apresentada pela basílica, mesmo não sendo o ponto mais alto da imagem é perceptível o destaque que o templo possui das demais, mesmo havendo tantas diferenças históricas nas imagens apresentadas, uma semelhança está na capacidade de suas grandiosas torres de chamar atenção, de prender os olhos do interlocutor que observa a imagem.

Acredito que esta obra fotográfica faça parte de uma coletânea de imagens aéreas da cidade desta mesma década, dentre as imagens disponíveis no acervo do Museu de Porto Alegre optei por esta justamente por mostrar um panorama mais extenso da urbanização da capital que, na década de 1960 já contava 635.000 mil habitantes, de acordo com Boletim gaúcho de Geografia (Troleis e Basso, 2011). Desta forma, a vida na capital já era bastante

distinta daquelas apresentadas nas imagens anteriores, observando mais detalhes é possível ver novas ruas e avenidas se formando e o uso dos carros em alta escala.

Figura 8: Vista aérea de Porto Alegre, 2021



Autor: Giulian Serafim

Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Jornal Matinal

Na última e mais atual foto desta análise em documentos históricos, trouxe uma imagem de 2022 que, apresenta o coração o centro histórico de Porto Alegre visto de forma área, na fotografia podemos observar o avanço da cidade para a margem do rio, o baixo número de arborização presente no centro histórico, o crescimento das edificações e da cidade como um todo.

De forma proposital, esta foto foi escolhida para demonstrar o encurtamento da construção da basílica em torno deste emaranhado de prédios em que vemos atualmente. Diferente da maioria das fotos anteriores onde a basílica tinha atenção latente, nessa demorei algum tempo até a encontrar, estando na lateral esquerda. É nesta cidade viva que se muda diariamente que a basílica permanece e fortalece seus laços de espaço de memória na cidade com seus frequentadores e curiosos visitantes, como eu.

A imagem de 2022, utilizada pelo Jornal Matinal para mostrar a perspectiva dos vereadores da cidade sobre o que almejam para o futuro, ainda foi postada em 24 de março, 2 dias antes do aniversário de Porto Alegre que, no último ano foi alvo de grandes festejos,

por ser a data em que a cidade completou 250 anos de história. Dentre estes quase 251 anos completos do município, a Basílica Nossa Senhora das Dores esteve presente fisicamente desde de 1807, sendo um dos prédios mais antigos da cidade ainda abertos e funcionando com seu encargo primário, onde pode observar e acompanhar de perto as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas aqui apresentados a partir de documentos fotográficos históricos.

Estudo do olhar da profissional - Documento oral

Como aporte metodológico da pesquisa entrevistei a profissional que atua na Basílica das Dores, foi com a museóloga que pude sanar algumas dúvidas referentes ao local e o tema de pesquisa, além de ter um maior panorama do funcionamento do espaço. A entrevista que contou com 7 questões abordou o local como um bem patrimonial, mas também, reforçou o espaço da instituição da memória social da capital.

As questões da entrevista foram elaboradas a partir de conceitos de patrimônio e local de memória com o intuito de responder aos objetivos e a questão norteadora, sendo utilizado como fonte primária de análise, a conversa se iniciou com a seguinte questão “Você vê e entende a basílica como um local de memória e patrimônio na cidade? Como?” Em sua resposta a profissional demonstrou que concorda com a colocação da pergunta e, apresenta o local como um patrimônio, também salienta o papel do espaço na memória social da cidade, justamente por carregar esse peso arquitetônico e patrimonial que perpassa os nomes envolvidos com a história do local.

É umas das edificações mais antigas da cidade e além dessa importância que ela carrega arquitetonicamente, artisticamente, também tem o peso de todos os artistas, arquitetos, personalidades políticas/militares que fizeram parte tanto da sua construção quanto da sua história enquanto membros da irmandade responsáveis pela construção da igreja, acho que tudo isso faz dela esse patrimônio e que está dentro desse conjunto, essa memória social da cidade. (Zuchetti, 2023, entrevistada)

A museóloga ainda cita mais aspectos que ela enxerga na basílica, começando por sua longevidade que a coloca num seleto grupo de edifícios da capital, mas foca principalmente na arquitetura eclética, que conta com retábulos nacional português que faz parte da primeira fase do estilo barroco, mostrando que a influência das culturas européias era forte na época, tais pontos demonstram de forma prática o quanto a construção da Basílica Nossa Senhora das Dores é única.

Nesta mesma questão a entrevistada ainda aponta um dado relevante para a inserção do espaço no meio cultural, que ocorre com maior força desde 1990, quando a administração da paróquia foi assumida pela diocese, o ambiente abriu mais suas portas pelo apelo por reformas e restaurações, justamente pela grande demanda de projetos de restauro que se iniciavam, fazendo com que o espaço se materializasse ainda mais como um ambiente cultural no imaginário da cidade.

A profissional segue a entrevista trazendo os pontos em que ela acredita que faz com que o local seja parte da manutenção da memória social na cidade, demonstrando firmemente que acredita que o ambiente é um personagem na trajetória da capital, seja por sua importância histórica, mas também por sua relevância social. A evolução do ambiente na qual a basílica está inserida é assunto central da fala da museóloga, justamente por todas as mudanças ocorridas no centro histórico e na cidade como um todo ao longo de mais de 200 anos, a edificação e o espaço permanecem vivos fisicamente e no imaginário simbólico da capital.

Acredito que o local geográfico na qual a basílica está inserida ajuda e muito nesta construção de espaço de memória, a rua dos Andradas recebe um fluxo intenso diário de pessoas e, mesmo de longe já é possível observar a edificação histórica, assim, posso fazer a ligação com o conceito de patrimônio histórico de Fortuna (1994) onde diz que estes locais são ritualísticos e suportam a transformação de identidade.

A basílica com mais de 200 anos de vida, permanece e se desenvolve como um espaço religioso, contudo também, há quase 90 anos leva consigo o título de patrimônio, sendo o primeiro espaço da cidade a receber este tipo de proteção. O local está presente no imaginário de sua população e mesmo com estas metamorfoses acontecendo, a basílica possui seu ambiente consolidado na memória local.

Imaginário este que está diretamente ligado à lenda do escravizado Josino, assunto que trago para o relato de maneira explicativa, relembrando que essa narrativa é usada para levantar debates referentes à cultura e às religiões de matriz africana presentes na capital na época da construção da basílica, quando a escravização era uma prática comum, visto que a abolição ocorreu em nosso país somente em 1888. Criou-se dessa maneira uma história, que hoje em dia já foi comprovada sua inveracidade, de que na época das obras da basílica, um escravizado chamado Josino, foi acusado de roubo e, como pena, foi condenado à força. Em seu leito de morte havia prometido que a construção nunca seria finalizada, para provar a

todos sua inocência. De fato a obra demorou quase um século, mas por fatores citados acima no capítulo de apontamentos históricos, entretanto essa história que ronda a capital já foi abordada em livros e exposições demonstrando que a lenda está viva e permeia a basílica e a memória social de Porto Alegre.

Em relação a próxima questão, que aborda os trâmites de eventos culturais que ocorrem no espaço, a profissional relata que atualmente essa interação ocorre de forma orgânica, onde a paróquia é procurada pelos proponentes. A basílica é promotora de eventos de pastorais como, missas, casamentos, batizados, encontro de jovens e entre outros, mas não há uma equipe formada que invista seu tempo de trabalho em buscar atividades culturais que utilizem o espaço, ou seja, o contato ocorre a partir de agentes de cultura que têm interesse em explorar o ambiente. Além do mais, há o trabalho realizado que atende escolas e universidades que buscam o ambiente para realizar visitas internas, colaborando para esta manutenção da educação patrimonial e cultural na cidade.

De acordo com a museóloga, o ritmo existente pré-pandemia ainda não foi alcançado novamente, além disso, todas essas atividades culturais que possam vir a ocorrer no espaço dependem da administração paroquial no período. No momento atual, o pároco se mostra bastante ativo, resultando em um local com horários bastante flexíveis, estando sempre viva, segundo a entrevistada.

Infelizmente, a basílica não possui um esquema de recebimento de feedback, mas uma das formas de visualizar este retorno está na assiduidade do público e também dos próprios agentes culturais que muitas vezes insistem em utilizar o espaço seja para eventos ou propagandas publicitárias. Dependendo da tipologia de evento, é cobrada uma taxa de uso de imagem, onde o valor é revertido para melhorias na paróquia, servindo como manutenção desse patrimônio e consequentemente da memória ali envolta.

Um feedback que a gente recebe muito antes é quando eles nos procuram e de certa maneira insistem em fazer esse evento na igreja, é porque eles sabem que já existe um apelo já de tradição e ao mesmo tempo visual e conceitual nas Dores, eles já entendem que pro evento deles já vai ser um benefício fazer na Igreja das Dores. (Zuchetti, 2023, entrevistada)

Reforçando o local como um ponto turístico da capital, a profissional acentua a basílica como um dos pontos centrais e importantes da cidade, suas características únicas e sua fachada como conhecemos já presenteia a cidade com sua monumentalidade a pelo menos 120 anos, desde o fim de sua construção, além de todos atributos já citados a

museóloga ainda aponta detalhes como "Pra quem chega em Porto Alegre de barco, quem chega de avião e senta do lado direito vai ver a Igreja das Dores, ela é realmente um cartão postal" (Zuchetti, 2023) é possível entender com estes exemplos como o local está presente em nosso dia a dia e no imaginário ativo da nossa capital.

Dialogando com a ideia de Cerqueira (2013), de espaços públicos e sua relação como pontos de representações, é viável analisar que o espaço da basílica presencia movimentos urbanos com seus visitantes. As dinâmicas presentes em nosso cotidiano podem ser entrelaçadas com a vida da paróquia, e esta relação tão próxima tende a ser fortificada a partir de ações de conhecimento e estímulos dessa ligação.

Trazendo a tona um assunto recorrente nesta pesquisa e abordado na entrevista com a profissional, a assiduidade dos turistas na basílica pode ser vista diariamente. Durante a elaboração do trabalho, estive no ambiente em dias diferentes e até mesmo durante as missas e pude observar a presença recorrente de visitantes que buscam no local um lugar de descanso, mas acredito que principalmente de apreciação arquitetônica e artística. Em uma breve busca na plataforma *Instagram*, num período de 7 dias de março de 2023 aconteceram 20 publicações na plataforma marcando a localização da Basílica das Dores. As imagens são divididas entre frequentadores do espaço em momentos de celebração como casamentos ou batizados, mas também turistas que se encantaram com a beleza do local e fotografam o ambiente.

Em sua fala a profissional afirma que o fluxo de turistas na basílica é bastante intenso, sendo um local que está presente na rota turística do centro histórico e da cidade. A museóloga que atualmente faz um trabalho mais voltado para a manutenção do acervo sacro e da gestão cultural do local, explica que há o cuidado em repassar a história da basílica aos visitantes, isso ocorre a partir de um pequeno curso informativo oferecido aos funcionários da secretaria e da vigilância, com o intuito de realizar um trabalho constante em torno deste patrimônio vivo. A museóloga por fim, aponta que não há de fato canais de divulgação ativos para turistas, a basílica possui uma página no *Facebook*, mas é usada integralmente para a formação pastoral, sendo assim, a maior forma de divulgação está na indicação de outros turistas seja em sites e redes sociais, principalmente.

Não há um sistema de estudo de público consolidado na basílica, que contabilize o número e o perfil destes visitantes, mas um dos projetos já acertados entre a equipe de patrimônio e a administração paroquial, é a criação de um *site* da basílica onde haverá uma

aba de bens integrados, além disso, tais bens contarão com um *QR code* que direciona ao site, difundindo a materialidade destes bens patrimoniais a história do local, levando-a ao público de maneira assertiva. Penso que este mecanismo será bastante usado por turistas que desejam conhecer o local e anteriormente a visita farão uma busca *online*, mas também por visitantes que usarão dos *QR codes* para ter acesso a história oficial da basílica enquanto realizam sua visita.

Chegando ao fim da entrevista, formulei uma questão que abordou a abertura da administração do local em relação a realidade patrimonial da basílica, ou seja, busquei analisar como a profissional entende o cuidado existente com as questões culturais na Basílica Nossa Senhora das Dores. Para pensar nessa pergunta é preciso entender as funções de cada órgão, a Mitra funciona como um corpo jurídico da Arquidiocese e cada paróquia está vinculada, mas neste caso, a Basílica Nossa Senhora das Dores possui também seu próprio pároco.

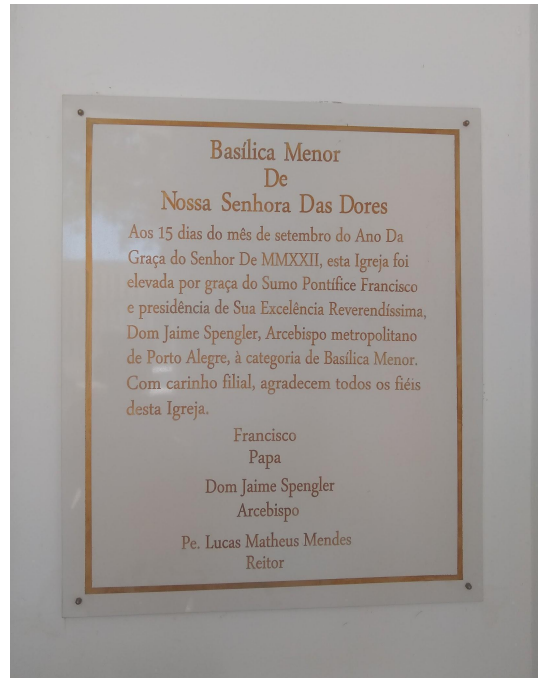
A museóloga considera que sua contratação pela Mitra já mostra o interesse do local em fomentar a patrimonialização ali existente, isto é, não há de forma alguma intervenções negativas no trabalho desenvolvido por ela e sua equipe. Há pelo 30 anos os órgãos responsáveis se mostram engajados e entendem o ambiente como um local de memória, feitos estes que tendem a ser ainda mais difundidos a partir de todas estas ações já realizadas ou projetadas para o futuro, como as visitas mediadas, o site e o controle de público.

Além dos mecanismos mencionados na questão, me referi a criação de um memorial da Basílica Nossa Senhora das Dores. A entrevistada explica que por diversos motivos o memorial ainda não se tornou exequível, esse interesse na criação existe desde o engajamento dos responsáveis por esse ambiente mais voltado ao ramo cultural e patrimonial, mas houve fases onde a disposição se concentrava na restauração, em outro momento o interesse abordou o acervo e assim, a execução de um projeto tão grandioso como a abertura de um espaço expositivo e de memória até este momento, não se realizou.

Eu no início, quando comecei a trabalhar há 8 anos, me sentia um pouco órfã desse espaço para difusão do trabalho, dessa pesquisa, deste trabalho todo exercido na Igreja das Dores. Só que com o passar do tempo eu fui adaptando os conceitos e hoje eu entendo e vejo a basílica como museóloga, primeiro ela é uma igreja, ela tem uma função única e exclusiva de igreja, ela foi construída para isso, mas por outro lado, por toda essa memória social já construída, pelo título de patrimônio que ela recebeu e hoje título de basílica [de acordo com a foto abaixo], muito da responsabilidade deste título foi

esse peso que ela tem enquanto patrimônio, então hoje eu também vejo a basílica como uma igreja viva, ela é um museu vivo (Zuchetti, 2023, entrevistada)

Figura 9: Placa na entrada da basílica pela Rua Riachuelo



Fonte: Acervo pessoal da autora

A museóloga aponta que é uma questão de tempo até o projeto se estruturar, pois ainda há aspectos a serem pensados, mas como é possível ver na citação acima, o olhar da própria profissional se modificou ao longo do tempo, justamente por estar próxima e entender as necessidades do ambiente. Na fala, a profissional deixa bem claro que todo o entorno que cerca a edificação, como a própria calçada da entrada, já fazem parte da memória, todo visitante que passa pelo local está de certa forma vivenciando a história da basílica, mas que isso não afeta o interesse na criação de um local específico de salvaguarda dessa memória social, que sirva como facilitador e fomentador de todo o trabalho desenvolvido na basílica.

Considerações finais

Levando em consideração os pontos observados e pesquisados, usando dos conceitos metodológicos e das referências teóricas como base, pude me aproximar da temática e de tantas singularidades existentes na basílica, como abordei durante todo trabalho suas

características arquitetônicas, artísticas e principalmente históricas que tornam o local cheios de sincretismos e crenças que perpassa as décadas e, fazem do ambiente um local único e particular que está diretamente ligado a essência da capital do estado. Além disso, se mostra conectado à história e urbanização da cidade, estando presente como uma das edificações mais antigas ainda em funcionamento, com seu encargo original, sendo considerado um templo da religião católica e representante do estado e do país como Basílica Menor e patrimônio nacional.

Após analisar as três fontes principais que utilizei no trabalho, pude entender melhor a história e a complexidade existente na basílica, ela possui carácter único que está presente em poucos locais, suas histórias e lendas fazem dela um patrimônio vivo que perpassa as torres e percorre pela cidade. Seu alto índice de visitação mostra a curiosidade de novos olhares para ela, nem que seja por poucos minutos de contemplação, já os frequentadores assíduos e fiéis demonstram que o ambiente prega sua crença, proporcionando ao público diversos horários de adoração, que deixam a basílica sempre a disposição de seu povo.

A partir dos aspectos turísticos, imagéticos e de testemunho oral consigo afirmar que a Basílica Nossa Senhora das Dores se consolidou de forma orgânica, com o passar dos anos, enquanto se tornava um local de referência arquitetônica, artística, histórica e religiosa, tal progresso se deu com o crescimento da cidade desenvolvendo novos locais de memória no entorno da basílica, são diversos pontos de recordação existentes no Centro Histórico e mais especificamente na Rua dos Andradas que, envolvem e mostram a potência viva que é explorada frequentemente com estudos e eventos no âmbito cultural.

A basílica que já possui seu reconhecimento narrado pelo IPHAN desde a década de 1930 e pelo próprio Vaticano desde de 2022, está presente em nossos postais mais antigos, na memória de quem já visitou e na rotina de seus frequentadores. É este patrimônio vivo que representa a basílica, um local com horários flexíveis, com suas portas abertas e suas torres cheias de histórias que observa a cidade e, mesmo não sendo mais uma das edificações mais altas é com certeza uma das mais majestosas e que entregam uma monumentalidade que enche os olhos.

Essa relevância pode ser comprovada a partir da grande busca de promotores de cultura, proponentes de eventos e instituições de ensino para conhecer e utilizar o espaço. São estas ações que divulgam e propagam a história do local, atuando como um agente de aprimoramento das novas retomadas de fomento do patrimônio, seja ele físico ou imaterial.

Além disso, ações como a própria contratação de uma profissional da área da museologia, comprovam este interesse da administração em despertar este olhar crítico e técnico que, tem o interesse de propagar essa história diretamente ligada à cidade, seja com um trabalho voltado ao acervo, mas também à educação patrimonial.

Dessa forma, o papel social e histórico da basílica pode ser comprovado a partir das histórias criadas e contadas sobre o local em livros, exposições, mas principalmente, entre nas conversas cotidianas que abordam o espaço. Para mais, a basílica está presente no imaginário da cidade desde o início da sua construção, sua longevidade demonstra sua consolidação no âmbito histórico, sendo reconhecido e protegido como patrimônio. Além do tombamento, o espaço está aberto ao público diariamente, reforçando este papel social presente na basílica. O local pode e é procurado por fiéis e turistas em busca de serviços religiosos, mas também em busca de conhecimento e de apreciação deste patrimônio da cidade que possui tais características únicas já citadas.

Em relação ao campo da museologia como um todo, acredito que a pesquisa se mostra pertinente pela pequena produção acadêmica acerca do recorte temático, mesmo sendo uma construção que possui reconhecimento desde os primórdios da proteção patrimonial no Brasil, a realização de pesquisas na área da museologia sobre a temática não é vasta, se tornando um dos motivos centrais para meu interesse em trabalhar com este objeto de pesquisa.

Para mais, vejo que o assunto pode ser ainda mais esmiuçado, nascendo assim, diversas novas pesquisas como, abordar os prédios históricos vizinhos da basílica e sua ligação patrimonial, pensar ações educativas que envolvam os frequentadores e visitantes, divulgando o trabalho feito pela equipe no ambiente, pesquisar sobre os eventos culturais que já foram desenvolvidos no local e entender o porquê desse interesse, elaborar um trabalho que se refere a conservação do interior e da fachada na basílica ou, um estudo que aborde especificamente o acervo litúrgico da instituição. Vejo que as possibilidades dentro e fora da basílica são imensas, sua historicidade dá gatilho para diversos temas e assuntos de novas pesquisas e, felizmente, meu interesse em continuar na área também.

Referências

- A PORTO ALEGRE que os vereadores pensam para o futuro. *Jornal Matinal*, Porto Alegre, 24 mar. 2022. Disponível em: <<https://shre.ink/cVRU>> Acesso em: 27 fev. 2023.
- BASÍLICA Nossa Senhora das Dores. *Google Maps: avaliações*. Disponível em: <encurtador.com.br/befLM> Acesso em: 11 jan. 2023.
- BRANDI, Paulo. *A formação da indústria de energia elétrica no Brasil*. In: MemóriadaEletricidade [blog]. [S.I.]: Memória da Eletricidade, 2019. Disponível em: <<https://memoriadaeletricidade.com.br/linha-do-tempo/@id/84596>> Acesso em: 10 abr. 2023.
- BRASIL. *Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro: [Presidência da República], 1997. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- BRUMER, Anita *et al.* A elaboração de projeto de pesquisa em Ciências Sociais. In: PINTO, Celi; GUAZZELLI, Cesar (org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- CERQUEIRA, Yasminie. *Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea*. Natal: UFRN, 2013.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: São Paulo: ICOM. Comitê Internacional para Museologia, 2013.
- FONSECA, João. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UECE, 2002.
- FORTUNA, Carlos. *As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 33, p. 127-141, 1997.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre de ano a ano: uma cronologia histórica 1732/1950*. Porto Alegre: Edição Letra&Vida, 2012.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: um guia histórico*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- INDA, Sofia Reginato. *João do Couto e Silva: um entalhador português na Porto Alegre do século XIX*. Trabalho de conclusão (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.
- IGREJA Nossa Senhora Das Dores: Porto Alegre. In: TRIPADVISOR. Disponível em: <<https://tinyurl.com/22w5c8s4>> Acesso em: 10 jan. 2023
- ISHAQ, Vivien. Brasil: Irmandades. In: *Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira* [página institucional]. Brasília: Arquivo Nacional, 24 de janeiro de 2017. Disponível em:

<http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3171&Itemid=351> Acesso em: 17 jan. 2023.

LINS, Paola; GOMES, Edlaine; MACHADO, Carly. *Religião, patrimônio e modernidades plurais*. Religião & Sociedade, Seropédica, v. 37, p. 9-16, 2017.

MEIRELLES, Pedro von Mengden. *Os Filhos da Mãe Santíssima: Os Terceiros das Dores e os Irmãos da Misericórdia na Porto Alegre do século XIX (1800-1850)*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.

MINAYO, Maria Cecília; SANCHES, Odécio. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?* Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, v. 9, p. 237-248, 1993.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre Urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

NENHUM DE NÓS. Porto Alegre [videoclipe oficial]. [Porto Alegre], 2019. 1 vídeo (0:55 min). Publicado pelo canal *Nenhum de Nós Oficial*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PJankf4vx5Y>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Editions Gallimard, 1993.

PROTZ, Silvonei José. *Porto Alegre ganha sua primeira Basílica Menor*. In: Vatican News. [S.l.: s.n.], 16 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-06/igreja-nossa-senhora-das-dores-basilica-menor.html>> Acesso em: 18 fev. 2023

SCHIOFF, Leticia Dutra. *Fotografia e memória: Um estudo de caso sobre o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul*. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

TANCCINI, Thais. *Igreja Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre: entre a destruição e a preservação patrimonial*. Trabalho de conclusão (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

TROLEIS, Adriano, BASSO, Luis. *Porto Alegre: Urbanização, sub-habilitação e consequências ambientais*. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n. 37, p. 109-116, maio 2011.

VILAR, Leandro. *Os clubes de regatas no Brasil*. In: MuseuExea [blog]. [S.l.]: Museu Marítimo EXEA, 1 out. 2022. Disponível em: <<https://www.museuexea.org/post/os-clubes-de-regatas-no-brasil>> Acesso em: 6 fev. 2023.